

A Medicina e as Bases da Civilização Ocidental

Antonio Tadeu Fernandes

A contribuição fundamental dos gregos para a cultura ocidental foi uma abordagem científica dos fenômenos naturais, libertando-os de uma concepção mística sobrenatural, concentrando sua ação no homem, no mundo e na natureza. A renúncia das explicações transcendentais foi satisfatória, mas as teorias elaboradas falharam por priorizar a atividade mental em detrimento da observação experimental¹. Dentro deste contexto, a medicina grega, vinculada principalmente ao nome de Hipócrates (460-375 a.C.), é mencionada como o início de uma abordagem racional não-religiosa. Entretanto, em outros povos, a sua prática já se ia distanciando do caráter sagrado, adquirindo contornos científicos, como já foi dito em relação ao Egito, que parece ter influenciado muito a medicina grega. Os gregos referiram-se a alguns destes contatos em seus poemas épicos, que eram considerados obras meramente ficcionais, até que o trabalho de arqueólogos obstinados, no final do século XIX, nos revelou as ruínas de Tróia na Ásia Menor e do palácio de Cnossos na ilha de Creta. Hoje estes poemas são considerados indícios da forma de vida destas civilizações, que formaram as bases do pensamento grego.

A CIVILIZAÇÃO MINÓICA

A cultura minóica foi provavelmente a mais antiga da Europa, florescida a partir da ilha de Creta e desenvolvendo uma importante civilização entre 3000 e 1400 a.C., em um terreno montanhoso, inadequado para irrigação, mas com chuva e sol abundantes, que se mostraram favoráveis para o plantio das oliveiras. Protegidos de invasores pelo Mediterrâneo, navegaram por suas rotas de comércio, estendendo sua influência principalmente pelo mar Egeu, organizando a primeira marinha mercante da história, promovendo o intercâmbio entre várias culturas. Sua escrita principal, chamada linear A, jamais foi decifrada. Sua história pode ser inferida dos múltiplos afrescos encontrados entre suas ruínas, de sua cerâmica e dos relatos posteriores, às vezes fantasiosos, dos gregos. Era uma sociedade pacífica, voltada para o comércio, sendo que a religião e o governo relacionavam-se intimamente. Aparentemente não existia qualquer discriminação contra

a mulher. Adoravam a natureza, tocavam instrumentos, praticavam a dança e vários esportes, muitos em honra à sua deusa-mãe. Deveriam dar grande importância à saúde pública, demonstrada pela desenvolvida rede de água e de esgoto e o encontro de amplas salas de banho e piscinas coletivas. Nas ruínas do palácio de Cnossos já existiam descargas com água corrente para os vasos sanitários. Região assolada por constantes terremotos, uma colossal erupção vulcânica originária da ilha de Tera destruiu catastroficamente esta civilização, sendo seus sobreviventes facilmente dominados pelos gregos, mas sua cultura e modo de vida conquistadores os invasores, que os desenvolveram e difundiram por boa parte do mundo então conhecido².

Parte de sua história, inclusive sua medicina, sobreviveu na tradição oral da Grécia antiga, sendo posteriormente romanceada por Homero (século VIII a.C.) em seus épicos *Ilíada* e *Odisséia*; cada soldado tinha conhecimentos básicos de medicina e atendia seu companheiro ferido. Primeiramente retiravam o corpo estranho, lavavam a lesão, aplicavam drogas anestésicas e protegiam com curativo, aparentemente não fazendo hemostasia ou suturas. Os medicamentos aplicados já recebiam o nome de *farmakon*³. Virtualmente todos os deuses podiam castigar, causando doenças que eram curadas através de preces, sacrifícios e purificação, sendo que regras dietéticas tinham grande importância. Entretanto, causas naturais das doenças também eram conhecidas e métodos mais racionais de cura vinham ganhando destaque. A força vital denominada *thymos* estaria presente em todos os seres vivos, era alimentada pelo ar inalado, por alimentos e bebidas ingeridos e ações dos órgãos internos. Este princípio podia ser eliminado junto com o ar exalado, excretas e pelas feridas. Introduziram também o conceito de *psyche*, que representaria a alma e a consciência individual⁴.

Sua farmacopéia era baseada no conhecimento e emprego de plantas. Incluía várias substâncias como hortelã, papoula, um fungo que era cultivado e aplicado sob a forma de ungüentos e emplastos para o tratamento de feridas. Extraíam também um óleo do pinheiro e do cipreste que eram indicados como anti-sépticos. Os ferimentos de batalha eram atendidos pelos próprios companheiros, que sabiam utilizar bandagens

compressivas em casos de hemorragia, limpavam e debridavam os ferimentos. Pela tradição mitológica, eram filhos de Asclépio: Macaon, que era cirurgião; Podalírios, um clínico, Hygéia, que representava a saúde; Panacea, que era o medicamento. Na civilização grego-romana, templos foram dedicados a Asclépio/Esculápio, onde era praticada a arte de curar⁵.

A MEDICINA MÍSTICA GREGA E OS TEMPLOS DE ASCLÉPIO

Na mitologia grega, vários deuses do Olimpo e seus descendentes detinham o poder de cura, sendo construídos

vários templos em sua homenagem, onde se praticava uma medicina predominantemente religiosa, mas que foi sendo progressivamente misturada com uma prática mais científica. Quíron, um centauro, irmão de Zeus, era o patrono da cura, tendo entre seus discípulos Apolo, a principal divindade da prevenção das doenças, que era pai de Asclépio, o deus da cura, com seus quatro filhos mencionados anteriormente (Macaon, Podalírios, Hygéia e Panacea). O primeiro templo dedicado a Asclépio foi construído no século VI a.C. em Tessália, sendo posteriormente construídos similares por todo o império, mesclando-se com equivalentes das dêiades locais, como Imotep e Serápis no Egito, chegando até outros



Fig. 3.1 — Detalhe de um vaso grego de cerca de 400 a.C. que mostra Aquiles realizando curativo em um guerreiro.

países como Roma, em 295 a.C., recebendo esta divindade o nome de Esculápio⁶. Também em Roma, por volta de 170 d.C., o senador Antônio ordenou a construção de dois abrigos anexos ao templo que são considerados por muitos os primeiros hospitais regulares da Europa. Um era destinado aos moribundos, e outro às grávidas⁷.

Estes templos eram construídos em cenários lembrando as atuais estâncias hidrominerais, com fontes de águas naturais, equipados com piscinas, ginásios, jardins com flores odoríferas e vários palácios, tendo o principal deles grandes estátuas dos deuses em ouro ou marfim, ladeadas por placas e representações em tamanho natural das curas milagrosas obtidas, onde eram executados hinos religiosos. Em uma estrutura adjacente havia a fonte de água para o banho de purificação, que, ao lado de uma dieta vegetariana especial e da leitura de livros relatando os resultados favoráveis, devia preparar o paciente para o ritual. Ele era submetido a um interrogatório pelo sacerdote e, a seguir, examinado. Moribundos e grávidas não eram admitidos, para se afastar dos doentes qualquer cena desagradável⁸.

Um caminho espiralado conduzia à sala de incubação, que tinha importância capital neste processo de cura. Lá o paciente dormia, e durante o sono receberia a visita dos deuses. Os sacerdotes iam de leito em leito, acompanhados de assistentes e até de animais, como cães ou cobras, para administrar o tratamento, utilizando vários recursos desde seu toque ou o de um animal, medicação, cirurgia e até orientações⁹. A recuperação da saúde era esperada pela manhã, podendo o paciente ficar internado mais dias. As curas eram recompensadas com presentes e oferendas. Podemos dizer que o poder da sugestão era aplicado com o máximo de eficiência para a época,

procurando induzir no enfermo uma grande expectativa favorável, pelos mínimos detalhes de todo o ritual. Por outro lado, procurava-se empregar os princípios terapêuticos e cirúrgicos da época, fazendo destas instituições também um centro de saber médico¹⁰. Todas estas estratégias voltadas para o poder de cura da sugestão parecem comprovar que esses templos eram verdadeiros centros de medicina psicossomática¹¹.

Escavações realizadas nas ruínas do templo de Asclépio localizado em Epidauro revelaram várias lápides relatando casos de cura milagrosa, que também podem ser encaradas como os primeiros prontuários médicos, pois ao serem consultadas serviriam de orientação para as condutas terapêuticas¹². A análise das patologias revela que muitos casos pareciam ser manifestações somáticas de histeria, como 11 casos de cegueira e nove de paralisia, entre outros, que reverteriam por meio das intensas emoções associadas à presença do deus, no sugestivo ambiente do templo¹³. Com o avanço da medicina científica, estes templos passaram progressivamente a incorporar seus métodos e medicamentos. Das divindades dos romanos, Esculápio era a mais popular e seus templos tornaram-se um foco de resistência da fé antiga contra a ascensão do cristianismo. Todos os templos foram definitivamente fechados em 335 pelo imperador Constantino, sendo substituídos por hospitais cristãos¹⁴.

AS IMPLICAÇÕES MÉDICAS DA FILOSOFIA GREGA

A civilização jônica surgiu por volta de 1600 a.C. como resultado da união de povos invasores de origem indo-europeia com habitantes nativos da península helênica e ilhas

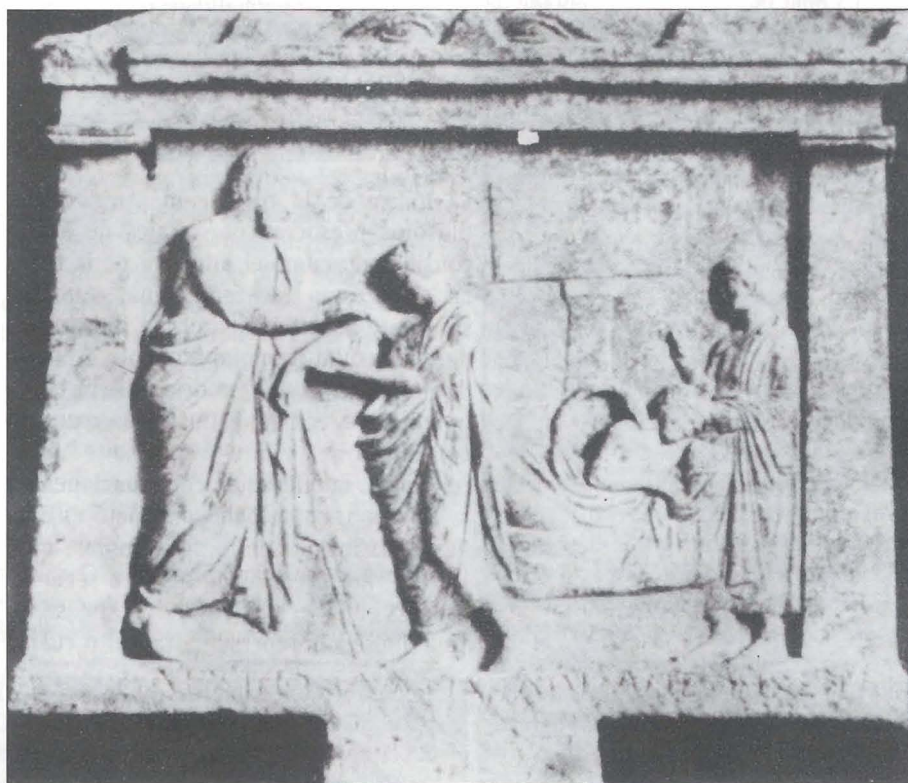


Fig. 3.2 — Baixo-relevo mostrando cenas em um templo de Asclépio.

adjacentes. Inicialmente incorporaram a cultura minóica para posteriormente conquistá-los, herdando todo seu império marítimo. O intercâmbio criado não foi meramente comercial, favorecendo também a troca de idéias. Por muito tempo, o pensamento limitava-se a interpretar e comentar os mitos, principalmente os de origem religiosa. As viagens permitiram o confronto entre visões distintas, fomentando a necessidade de explicações mais coerentes, fato bastante explorado por esta cultura nascente¹⁵. Ao contrário da grande maioria dos povos contemporâneos, que acreditava serem os governantes representantes terrenos dos deuses, eram inicialmente governados por uma elite de mercadores-guerreiros que, em 1200 a.C., atacaram Tróia em uma guerra que se arrastou por quase 10 anos¹⁶.

Por volta de 1140 a.C., os dórios, expulsos da Macedônia por povos bárbaros, conquistaram quase toda a península, exceto alguns enclaves jônios, dentre eles a cidade de Atenas, berço da civilização helênica clássica, que começou a se expandir no continente e na Ásia Menor. Homero compôs a *Ilíada* e a *Odisséia*, famosos poemas épicos que contam a saga de seus antepassados, tornando-se uma força unificadora entre os diversos gregos. Adaptaram o alfabeto fenício ao seu idioma, com o qual transcreveram sua cultura, que com *A Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias* escritas por Hesíodo completou o desenvolvimento da religião grega, uma exuberante mescla de crenças centradas nos deuses do Olimpo, governados por Zeus, que diferentemente dos de outros povos estavam sujeitos às mesmas paixões humanas. Paralelamente, foram se formando as cidades-estado, autônomas, onde cidadãos livres eleitos formavam um conselho representativo que auxiliava as decisões de seus líderes, dando os alicerces da cultura do estado ocidental¹⁷.

Pela troca de idéias na qual preponderava a vontade de aprender, além da preocupação com a eficiência pessoal, esta civilização dava primazia ao conhecimento, à beleza, à inteligência e à perspicácia, permitindo que estadistas atenienses transformassem a arte de organização política. Da interação de seus artistas, filósofos e cientistas abriram-se novas perspectivas do conhecimento, modificando a própria estrutura de pensamento humano. O que caracterizava suas idéias era o esforço em torná-las compreensíveis a todos, dando destaque à razão, direcionadas para a vontade e a atuação humana, desenvolvendo o raciocínio lógico, pois suas conclusões não eram impostas como vontade divina, mas precisavam ser aceitas pela população. Podia-se pensar e discutir sem medo de ofender aos deuses, libertando a mente humana, estimulando nas pessoas a capacidade esportiva, artística e intelectual¹⁸.

Uma profusão de talentos surgiu em praticamente todos os campos do saber, propiciando as ferramentas básicas para quase todo o desenvolvimento posterior do conhecimento humano, incluindo obviamente a medicina, e por isso vamos estudá-los. Os filósofos-cientistas buscavam encarar os problemas com realismo. Tales de Mileto (624-547 a.C.), considerado o fundador da ciência, criou a escola naturalista, pesquisando a origem de fenômenos naturais, atribuindo-lhes como causa as propriedades da matéria e não forças sobrenaturais. Estes princípios seguramente contribuíram para o posterior desenvolvimento da patologia médica, que procurava entender como as doenças evoluíam. Ele acreditava que a

água era o elemento básico da vida. Anaximandro (611-547 a.C.) foi o primeiro a postular a teoria da geração espontânea, acreditando que a vida era gerada pela terra úmida quando exposta à luz do sol. Para ele, o homem havia evoluído de espécies inferiores¹⁹.

Anaxímenes (611-546 a.C.) também entrou no terreno da biologia ao afirmar que, após a morte, os seres vivos pagariam por sua ação predatória à natureza, sendo decompostos e reaproveitados por novos organismos. Ele postulava ser o ar o principal elemento da vida. Heráclito (576-480 a.C.) afirmava que o universo estava em constante mudança, resultado da interação de forças antagônicas²⁰.

Pitágoras (570-496 a.C.) e seus discípulos fundaram uma sociedade secreta e, a partir de seu amor pela forma e beleza, acreditavam que os números eram o princípio e a chave de todo o universo, dando início ao seu emprego na interpretação da relação entre os fatos. Desenvolveram a geometria e a astronomia como uma concepção de que a Terra era esférica e um mero planeta girando em órbita circular em torno de um fogo central. Na medicina acreditavam que os homens eram descendentes de deuses, portadores de alma, sendo proibida a cirurgia, pois podia interferir com a alma²¹.

Os eleatas (de Eléia, colônia jônica do sul da Itália) surgiram como uma reação ao naturalismo dos físicos, afirmando que a natureza era imóvel e imutável; além disso, tudo o que se movia era irreal, portanto o mundo material seria ilusório, negando a realidade ao que parecia real a todos, questionando não apenas os sentidos, mas a própria razão, abrindo caminho para a dúvida sistemática, desenvolvendo o sofisma e a retórica. Zenão de Eléia (século V a.C.), principal contestador dos pitagóricos, foi um mestre do sofisma ao "provar" princípios absurdos em seus famosos paradoxos, como o da irracionalidade do movimento. Empédocles (504-433 a.C.), que era médico na Sicília, considerado o fundador da retórica, escreveu um livro intitulado *Sobre a Natureza*, onde apresentou o conceito por muito tempo aceito, com grande influência até na medicina, de que todas as substâncias do cosmos eram compostas de quatro elementos básicos, imutáveis em diferentes proporções: o fogo, o ar, a terra e a água. Foi precursor da teoria da seleção natural, citado por Darwin no prefácio de seu livro, ao afirmar que para a sobrevivência de uma espécie era necessária sua adaptação ao meio ambiente²². Como médico, debelou uma epidemia de malária em sua terra natal, mandando desviar dois rios para os pântanos de Selinunte, prevenindo a estagnação das águas e salubrificando-as²³. Também melhorou o clima de sua cidade, ordenando a abertura de uma fenda nas montanhas vizinhas²⁴.

Os atomistas procuravam explicar a consciência íntima da matéria, reafirmando sua existência, reagindo aos eleatas. Anaxágoras (500-428 a.C.) propôs serem os corpos compostos de partículas mínimas invisíveis idênticas, base de tudo o que existe, combinadas diferentemente na diversidade dos objetos. Estas partículas seriam absorvidas com os alimentos e reconstruídas nos elementos do corpo humano²⁵. Leucipo (século V a.C.) criou o termo *átomo*, significando as menores partículas de tudo, portanto indivisíveis. Demócrito (460-356 a.C.) desenvolveu esta teoria, afirmando existirem vários tipos de átomos, sempre em movimento dentro da matéria, fornecendo a força vital, sendo a própria essência da vida²⁶.

Toda esta magnífica teoria, ao contrário da teoria atômica atual, foi desenvolvida exclusivamente a partir de abstrações filosóficas não-experimentais. Estes filósofos, por terem uma abordagem profundamente materialista, foram relegados a um plano secundário na evolução filosófica grega²⁷. Entretanto, esta especulação sobre os átomos não-visíveis deve ter influenciado Marcus Varro (116-27 a.C.), Columella (século I a.C.) e Fracastoro, ao também postularem sobre formas de contágio e a existência de “partículas invisíveis” responsáveis pelas epidemias e padecimentos crônicos relacionados a certos ambientes insalubres. Demócrito foi um grande defensor da teoria da geração espontânea. Ele afirmava: “A terra lamacenta e extremamente mole, por efeito do sol (...) tinha produzido na sua superfície processos de fermentação (...) gerando embriões (...) dando saída a várias espécies de animais... posteriormente ao endurecimento da terra, ela foi incapaz de gerar animais complexos, os quais começaram gradativamente a se reproduzir pelo acasalamento¹⁹.”

Sócrates (470-399 a.C.) também reagiu às excessivas especulações dos eleatas e procurou dar à filosofia uma base metodológica racional, desenvolvendo a dialética, segundo a qual do confronto sistemático dos aspectos contraditórios de um problema procurava-se chegar a uma solução segura, estimulando em seus discípulos a descoberta da verdade por si próprios. Exortava a necessidade do autoconhecimento antes de tentar compreender o mundo, sendo neste sentido um precursor da psicologia e da epistemologia, esta última definida como a ciência e a arte da procura da verdade. Entretanto, sua doutrina era voltada principalmente para a abstração, deixando de lado a investigação experimental dos fenômenos, o que dificultou o desenvolvimento da ciência natural até o Renascimento, quando novos princípios começaram a ser predominantes²⁸.

Platão (429-347 a.C.) foi o principal discípulo de Sócrates, e como seu mestre aspirava a transformar o homem pelos pensamentos, fundando uma escola para ensinar política e filosofia à aristocracia, chamada Academia, onde se compartilhava a busca do saber. Politicamente advogava uma sociedade elitista e totalitária, governada pela intelectualidade, e filosoficamente acreditava que a verdadeira realidade não seria encontrada apenas com a observação da natureza, pois as aparências eram enganosas, ela só poderia ser contemplada ou revelada pelo pensamento e a sensibilidade estética, valorizando a idéia, a inteligência, a arte e a virtude. Considerava o corpo somente o tûmulo da alma, ambos abaixo das divindades. Conseqüentemente, apesar de sua grande contribuição à filosofia grega, pode-se dizer que sua influência na abordagem científica e na medicina foi mais inibidora do que inspiradora, devido ao seu desprezo pela ciência experimental e seu conceito sobre o corpo humano²⁹. Na medicina influenciou diretamente os dogmáticos, que classificavam as doenças de acordo com o humor preponderante, realizando para o “tratamento” do paciente atitudes drásticas como sangrias, administrações de laxantes para promover grande evacuação ou mesmo regimes rigorosos para impedir a formação do humor em excesso³⁰ (ver adiante sobre teoria humoral da enfermidade).

Aristóteles (384-322 a.C.), filho de um célebre médico macedônico, centrou seus estudos na compreensão da realidade e suas transformações, procurando identificar suas cau-

sas, sendo portanto muito mais cientista que Platão. Escreveu sobre praticamente todas as teorias filosóficas e científicas de valor na Grécia antiga. Fundou sua própria escola, o Liceu, sendo tutor de Alexandre Magno (356-323 a.C.). Sua principal colaboração foi estabelecer a relação entre realidade, pensamento e linguagem, criando a lógica a partir da formulação de leis do raciocínio. Inventou a silogismo (um sistema dedutivo de argumentação formal) e procurou entender as regras da dedução, da ética, da moral e da percepção, buscando o raciocínio dedutivo, pelo confronto de verdades conhecidas, objetivando conclusões justas. Classificou as ciências em filosofia, matemática e física, esta última responsável pelo estudo das coisas da natureza, incluindo a psicologia e a biologia. Nas ciências biológicas elaborou a noção de *pneuma*, espécie de sopro ou energia, apontada como a causa do funcionamento dos órgãos, das tendências e desejos dos seres vivos. Este espírito vital unido à lama ou a processos putrefativos criaria uma pequena bolha, embrião do futuro animal. Além da geração espontânea, acreditava na procriação por acasalamento e que a natureza fazia sempre o melhor para suas criaturas, portanto as espécies biológicas seriam eternas e imutáveis, causando embaraços à teoria da seleção natural, posteriormente desenvolvida por Darwin, e aos próprios estudos de Pasteur^{31,32}.

A obra de Aristóteles é talvez a que mais contribuiu para o aperfeiçoamento do conhecimento humano, em que pesem seus erros de avaliação, motivados pela precariedade de recursos a seu favor, e principalmente a transformação de sua doutrina em verdadeiro dogma, que muito atrasou a evolução científica posteriormente, esquecendo, seus seguidores remotos, dos princípios que o levaram a elaborar suas teorias³³.

Teofrasto (372-287 a.C.) foi o sucessor de Aristóteles no Liceu, assumindo muitas vezes postura crítica em relação ao mestre e à sua própria obra. Foi um historiador da filosofia e um mineralogista competente. Dedicou-se principalmente ao estudo da botânica, sendo considerado o pai desta ciência. Estudou e classificou mais de 500 vegetais oriundos de todo o império grego, detalhando sua morfologia e características biológicas. Identificou a reprodução sexuada dos vegetais, e seu livro contém a descrição e o uso médico de inúmeras plantas até então desconhecidas do mundo grego^{34,35}.

A independência da Grécia terminou com a conquista macedônica, que reuniu em um vasto império desde o vale do Indo até o Mediterrâneo, favorecendo o intercâmbio das culturas orientais e ocidentais, unindo Índia, Pérsia, Mesopotâmia, Oriente Médio, Ásia Menor, Egito e Grécia, pois Alexandre Magno, além de ser o maior conquistador da história, tinha sólida formação e curiosidade intelectual, fomentada pelos ensinamentos de Aristóteles. No Egito, foi fundada a famosa biblioteca de Alexandria, ponto focal da cultura helênica durante mais de sete séculos, com ênfase nas ciências naturais, destacando-se Eratóstenes (275-194 a.C.) e Arquimedes (287-212 a.C.), a matemática de Euclides (século III a.C.) e vários profissionais na medicina. Os cidadãos livres perderam poder no governo imperial, o livre pensar sofreu conseqüências, diminuindo a produção filosófica, surgindo correntes mais voltadas ao comportamento individual, como os cínicos (rejeitando o Estado, defendendo a vida simples e primitiva), os estóicos (centrados na virtude e

resignação) e os epicuristas (centrados na procura do prazer prudente), ou de forte conteúdo místico, como os neoplatônicos (busca da comunhão com uma divindade perfeita), parcialmente adotado pelo cristianismo primitivo, mantendo viva a cultura greco-romana e tendo muita influência nos pensadores da Europa medieval, causando problemas a todas as descobertas que contrariassem a Bíblia, pois ela teria o monopólio da verdade revelada³⁶.

O pneumatismo surgiu na medicina grega, mas teve grande influência nos primeiros séculos da era cristã em Roma. Derivava do pensamento estóico, aplicando o conceito universal de *pneuma* ao corpo humano, relacionado-o ao espírito, que penetrava pelas vias aéreas e através do coração era distribuído a todo o corpo, pelas artérias. As doenças seriam conseqüências de intrincadas interações do *pneuma* com a umidade e o calor corporal. Apesar desta complicada elaboração teórica, eles eram bastante pragmáticos em sua ação terapêutica, utilizando mais de 600 drogas, limitando a realização de sangrias e recomendando uma habitação saudável e a utilização de água despoluída. Desta escola derivaram-se os ecléticos, que optaram por idéias de acordo com sua necessidade de explicar e tratar doenças. Galeno se autoconsiderava um eclético³⁷.

Reagindo a essas concepções, surgiu outra escola filosófica, que foi a dos céticos, questionando todo o dogmatismo, inclusive a lógica dedutiva, enfatizando a percepção e a ação individuais. Lucrécio (98-55 a.C.), antecipando a teoria da seleção natural e corajosamente contestando Aristóteles, afirmava que espécies biológicas haviam sido extintas pelo seu menor engenho, destreza ou coragem na luta pela sobrevivência³⁵. Na medicina, os céticos originaram em Alexandria a escola empírica, para a qual os fenômenos deveriam ser observados e se possível reproduzidos, tendo prioridade o tratamento, mas com total abandono de possíveis explicações causais, contrariando até o espírito humano de sempre buscar explicações para suas incógnitas. Pelo exagero, repudiavam até conhecimentos anatômicos, fisiológicos e patológicos³⁸. Nem tudo foi negativo nesta escola: Sexto Empírico (século III a.C.) salientou o papel da percepção sensorial na nossa inteligência e ações, baseando seus métodos de cura nas experiências bem-sucedidas, pregando as diretrizes dos métodos experimentais, analisando as conseqüências, estudando os indícios de suas manifestações para poder prever e agir³⁹.

A MEDICINA PRÉ-HIPOCRÁTICA: OS FILÓSOFOS-CIENTISTAS

Os grandes médicos da Grécia partiam do princípio de que para entender os problemas de saúde deveriam sondar a constituição do universo e as interações do homem com a natureza, assumindo uma postura filosófica perante a vida. Apoiando-se em observações empíricas e no raciocínio filosófico desenvolveram uma concepção naturalista das doenças, aceitando-as como um sinal da desarmonia entre o homem e seu ambiente⁴⁰.

O intelecto grego não podia se satisfazer apenas com a prática médica, tendo fatalmente que elaborar uma teoria, o que aconteceu com grande intensidade no século V a.C. A abordagem racional na medicina grega iniciou praticamente com a concepção sobrenatural praticada pelos sacerdotes,

dando credibilidade às crenças pelos resultados obtidos, através das regras higiênicas, utilização de alimentos e plantas, além da realização de procedimentos cirúrgicos. Evidentemente, as especulações filosóficas da Grécia antiga, principalmente na Ásia Menor e sul da Itália, procurando dar uma explicação racional e natural para os fenômenos, tiveram repercussões na arte de curar doenças, libertando-a progressivamente de sua visão mística. Na época de Homero, esta medicina era possivelmente exercida por oficiais ambulantes, e as suas técnicas de cura eram transmitidas verbalmente através das gerações, existindo uma variedade de métodos com efetividade distinta. Principalmente os filósofos-cientistas interessaram-se pelo estudo da medicina, criando as bases para diversas escolas, dando contribuições para a evolução do saber médico.

O mais ilustre dos historiadores gregos, Tucídides (460-395 a.C.) em seu livro *A História da Guerra do Peloponeso*, ao descrever a praga que se abateu sobre Atenas, identificou seu caráter contagioso atingindo desde os animais que se alimentavam dos cadáveres contaminados, os médicos que atendiam as vítimas, os habitantes do mesmo domicílio de um paciente e até aqueles que os visitavam⁴¹.

Na cidade de Crotona, localizada no sul da Itália, foi fundada a primeira escola grega de medicina, onde Alcmeon escreveu *Da Natureza* no século V a.C., um livro focado no homem, que é considerado o pioneiro nas ciências naturais⁴². Conceituava que saúde era harmonia funcional ("isonomia") e que a doença era o desequilíbrio, jogando por terra os conceitos vigentes de que a saúde era uma graça divina, alcançada pelo bom comportamento. As patologias seriam devidas à natureza do indivíduo, desnutrição, dieta irregular e eventuais fatores externos como o clima e a altitude. Postulava que a investigação, incluindo a dissecação, e não apenas a filosofia, era necessária para o conhecimento do corpo humano e as doenças. Concluiu também que o cérebro era o órgão responsável pela memória e a percepção das sensações. Vale salientar que ele é citado por Aristóteles, que discorda desta conclusão, acreditando ser o coração o centro da percepção. Enfim, Alcmeon é considerado o primeiro cientista médico e seus ensinamentos se aplicam até para entendermos as infecções hospitalares, consideradas como uma manifestação do desequilíbrio da convivência do homem com sua microbiota⁴³.

Duas cidades da Ásia Menor salientaram-se como centros médicos: Cnidos e Cos. A proximidade com a Mesopotâmia possivelmente influenciou a concepção da escola de Cnidos, onde as doenças eram classificadas pelo órgão afetado, sua prática salientava aspectos diagnósticos, priorizando a patologia, e sua terapêutica era intervencionista. Ao contrário, a escola de Cos priorizava o paciente, concentrando a atenção nos achados físicos e em sua evolução clínica, numa abordagem menos intervencionista e mais expectante. Muito do que é atribuído a Hipócrates e se encontra no *Corpus Hippocraticum* coletado por ordem de Ptolomeu no século III a.C. na biblioteca de Alexandria deve ter sido elaborado por médicos destas duas cidades⁴⁴.

A civilização grega passou a não mais acreditar que as doenças eram uma punição divina. Exceto para os estóicos, que consideravam as patologias como uma espécie de possessão demoníaca, as demais pessoas passaram a ver no paciente

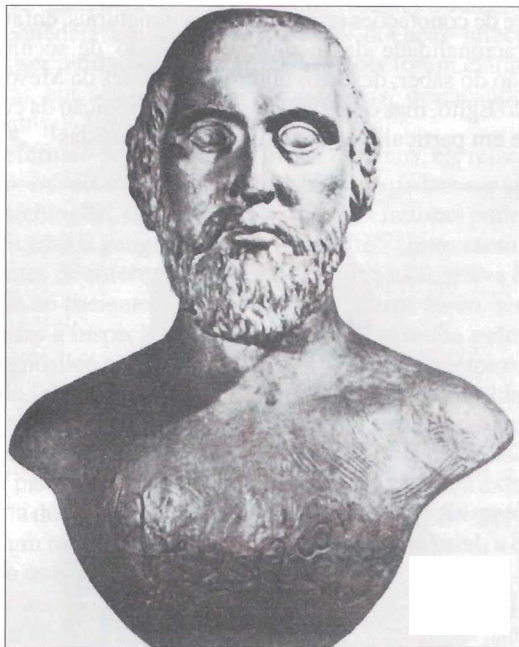


Fig. 3.3 — Alcmeon de Crotona.

uma vítima de causas naturais, devendo ser tratado por uma abordagem racional. Apenas as doenças mentais continuaram a ser consideradas sobrenaturais, apesar de que contra isso Hipócrates se insurgira em seu livro *A Enfermidade Sagrada*⁴⁵. Eles acreditavam na teoria elaborada por Empédocles, de que todo o universo, inclusive o corpo humano, era constituído a partir de quatro elementos básicos (a água, o ar, o fogo e a terra), com suas qualidades respectivas (a umidade,

o seco, o quente e o frio). Todos os fluidos corpóreos eram compostos de proporções variáveis desses quatro humores básicos, que também apresentavam em sua composição duas dessas qualidades: sangue (quente e úmido), pus (frio e úmido), bile amarela (quente e seca) e bile preta (fria e seca). A doença seria o resultado do desequilíbrio entre esses elementos e sempre se desenvolvia em três etapas. Inicialmente havia uma mudança na proporção dos humores, provocada por causas externas ou internas ao corpo humano, o organismo reagia desenvolvendo os sintomas e, finalmente, o excesso de humor era liberado durante a cura ou morte do paciente⁴⁶. A teoria humoral da enfermidade foi a de maior longevidade na história da medicina, predominando por mais de 14 séculos em nossa civilização⁴⁷.

O conceito atual de enfermidade guarda muitas semelhanças com estas idéias. Continuamos a acreditar que a doença é um transtorno descompensado da estrutura e função orgânica do paciente, e o processo de cura implica medidas que auxiliem o restabelecimento do equilíbrio. Divergimos apenas quanto às concepções fisiopatológicas e as conseqüentes medidas corretivas. Muitos autores acreditam que a mudança da concepção sobrenatural de uma enfermidade para o processo natural foi a descoberta mais importante da história da medicina, pois a partir desta nova visão a doença poderia ser estudada e compreendida. Tudo o que veio depois foi conseqüência deste novo paradigma, reconhecendo o homem como parte da natureza. Afinal, como afirmou Einstein, “o mais incompreensível da natureza é que ela possa ser compreensível para o homem⁴⁸”.

Em uma atividade que seguia em paralelo, às vezes imbricando com os sacerdotes, os médicos eram considerados artesãos especiais, com posição destacada, devido à ênfase

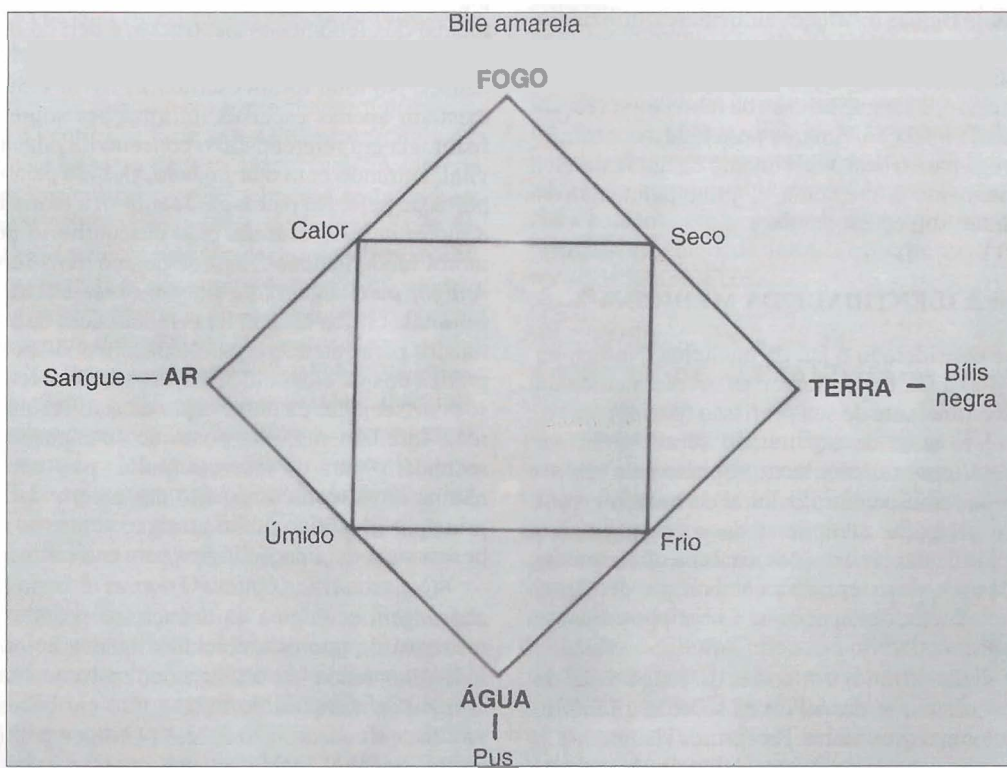


Fig. 3.4 — Quadro esquemático demonstrando a correspondência dos quatro elementos naturais com os humores do corpo humano.

que a sociedade grega dava à saúde. A maioria era itinerante, carregava seus próprios instrumentos, realizando principalmente um atendimento domiciliar, mesmo se o caso fosse cirúrgico. Somente a partir de 300 a.C. foi criado um sistema para licenciatura destes profissionais. Como as mulheres eram confinadas aos afazeres domésticos, raramente aparecendo em público, exceto em festividades, excepcionalmente recebiam o título de médica. Grande ênfase era dada à dieta, aos exercícios e aos hábitos comportamentais. A anamnese era detalhada, avaliando os hábitos de vida, o estado emocional e até o ambiente do paciente. Como o tratamento era limitado, grande importância era dada ao prognóstico⁴⁹.

Várias patologias infecciosas pareciam ser comuns na Grécia antiga, como pneumonia, caxumba, tuberculose, malária, diarreia, doenças exantemáticas e difteria. Foi introduzido por Hipócrates o conceito de mal endêmico para as moléstias sempre presentes em um determinado local, fato relacionado ao clima, água, práticas agrícolas, nutrição ou costumes de uma comunidade. Alguns procedimentos cirúrgicos eram realizados, principalmente ligados a traumas, durante os quais os pacientes eram sedados com ópio ou mandrágora. As feridas eram limpas e a seguir aplicados vários minerais, extratos de plantas e vinho, com o objetivo de promover a recuperação, porém logo eram cobertas, e várias substâncias aplicadas para favorecer a supuração, pois era considerada sinal de bom prognóstico, contribuindo para o reequilíbrio humoral⁴⁹.

Embora partindo de princípios corretos, como considerar a constituição e as leis que regem o corpo humano as mesmas que as de todo o universo, os médicos da Grécia antiga chegaram a conclusões equivocadas, talvez influenciados pelas correntes filosóficas dominantes, que priorizavam a especulação intelectual à observação experimental. Por isso, os pacientes sofriam rígidas restrições alimentares, utilizando dieta à base de mingau, água e mel, por exemplo, e eram promovidas a sangria e a supuração para eliminar o humor que estava em excesso, o sangue no caso da febre, e a secreção purulenta no caso de infecção. Em que pese toda a contribuição da cultura grega para o desenvolvimento da humanidade, até muito recentemente a medicina e, principalmente, os pacientes padeceram sob estes conceitos.

HIPÓCRATES: A IDENTIDADE DA MEDICINA⁵⁰

Hipócrates é considerado o pai da medicina. Nasceu na Ilha de Cos em 460 a.C., foi professor na escola médica da cidade, um prático itinerante de sua profissão (*periodeuta*) e, presumivelmente, o autor de um tratado sobre medicina, intitulado *Corpus Hippocraticum*, texto copiado pela biblioteca de Alexandria, famoso centro cultural do mundo greco-romano, onde se pretendia compilar todo o conhecimento científico destacado destas civilizações. Embora oficialmente atribuído a Hipócrates, deve ter tido a colaboração de vários médicos contemporâneos, destacando-se Chrysippos, Euryp-hon e Praxágoras⁵¹.

Para se ter idéia do mito em torno da longa vida de Hipócrates, uma colméia se desenvolveu sobre seu túmulo, cerca de três séculos após sua morte. Peregrinos visitaram-no, pois acreditavam que o mel proveniente dali possuía miraculosos poderes curativos⁵². Entretanto, toda a sua abordagem

era livre de conotações religiosas ou sobrenaturais, enfatizando a racionalidade da medicina, resultado de séculos de evolução do saber, desde os antigos habitantes da Mesopotâmia e do Egito, mas com fundamental contribuição da cultura grega e em particular de seus filósofos e cientistas⁵¹.

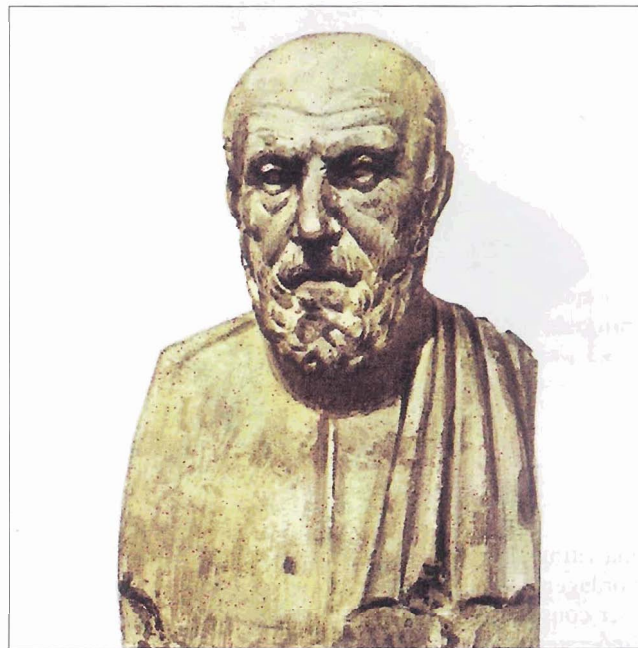


Fig. 3.5 — Busto de Hipócrates.

Hipócrates deu identidade à medicina separando-a da filosofia, pois acreditava que ela não podia ser estudada a partir de pressupostos, mas sim com o conhecimento experimental dos fenômenos científicos, e deixou também de lado explicações sobrenaturais sobre as doenças, excluindo os deuses. No total foram escritos 72 livros e 59 tratados onde existiam apenas esparsas informações sobre anatomia. Na fisiologia era referendado o conceito da *pneuma* como força vital, entrando com o ar inalado, fluindo pelas artérias até os poros da pele. Na patologia seguia-se a teoria humoral, onde a moléstia seria causada pelo desequilíbrio dos quatro humores fundamentais⁵³. Entretanto, no livro *Sobre a Medicina Antiga*, parte integrante de sua obra, é feita uma bem estruturada crítica às tentativas metafísicas de se elaborar postulados para entender a patologia humana, muito mais rica na prática do que essas elucubrações teóricas, levando a conclusões dissociadas da observação de seus resultados nos enfermos. Infelizmente, este ponto de vista por muito tempo foi secundário para os seus discípulos, pois não elaborava nenhuma nova teoria a respeito das enfermidades, traindo um princípio filosófico muito arraigado entre os gregos, que era buscar uma explicação lógica para os fenômenos naturais⁵⁴.

O livro *Ares, Água e Lugares* é o precursor de uma abordagem ecológica da doença, ao postular que a doença resultava de fatores ambientais ligados ao cotidiano de um indivíduo, tendo importância onde e como vive o paciente, o clima e as estações do ano, o que ele bebe ou come, sua atividade e constituição física⁵⁵. Utilizou pela primeira vez o termo *endemia*, para caracterizar as patologias constantemente presentes em uma região, diferenciando-as das epidê-

micas, as quais nem sempre estavam presentes e aumentavam sua frequência em demasia²³. Várias doenças infecciosas podem ser nitidamente identificadas, pois foram claramente descritas em seu livro *Sobre Epidemias*, destacando-se a tuberculose, o tifo, a caxumba e a malária⁵⁶.

Referindo-se aos traumatismos cranianos, ele relacionou como possíveis complicações quadros que podem ser atribuídos à meningite, erisipela e tétano, e nas fraturas podem ser identificadas a gangrena e a osteomielite⁵⁷. Entretanto, poucos nomes de enfermidades eram mencionados, pois a ênfase era dada ao paciente, sua história e seu exame físico, sendo já praticadas a inspeção, a palpação e até a ausculta pulmonar. No diagnóstico e tratamento seguia-se como princípio observar tudo (ele afirmava: “toda arte principia na capacidade de observação”), centrando a atenção mais no paciente e sua vida do que na moléstia. Pela primeira vez foi feita a distinção entre a patologia e os sintomas, considerados mera exteriorização da doença. O diagnóstico hipocrático seguia metodicamente um roteiro que incluía a exploração sensorial, a comunicação oral e o raciocínio⁵³.

De acordo com seus conhecimentos, o profissional deveria ser ético e não interferir com o poder de cura da natureza, evitando ao máximo ser nocivo em sua prática profissional, pois “a natureza era o doutor, encontrando ela própria o seu caminho”. Era repetidamente enfatizado que se deveria evitar interferências no curso de uma doença, exceto no momento certo, indicado pelos sinais apresentados pelo paciente. Poucas drogas eram usadas, destacando-se narcóticos, além de laxativos e eméticos para tentar eliminar o excesso humoral, porém não havia referências quanto à dosagem empregada. O sangramento era ocasionalmente utilizado. Um papel central era dado à dieta e banhos. Grande ênfase também era dada ao prognóstico do paciente, em particular sua expectativa de vida ou a duração da enfermidade. Talvez como reflexo da priorização do paciente, as doenças mentais foram descritas com surpreendentes detalhes para a época⁵¹.

Uma hierarquia terapêutica era apresentada: “Quando as drogas falharem na cura, use faca; se esta não curar, utilize o fogo; porém, se este falhar, a doença é incurável.” A maioria dos textos era sobre cirurgia, principalmente restauradora, com destaque para métodos de redução de fraturas e o tratamento tópico de feridas, incluindo uso de drogas e bandagens. A hemorragia era controlada por posicionamento do paciente e compressão. Na técnica cirúrgica eram detalhados o preparo do paciente, o instrumental utilizado, a iluminação e pessoal auxiliar necessário. Eram também manipulados cirurgicamente os tumores, fístulas, úlceras e hemorroidas. A cauterização era praticada, e parece ser herança da medicina hindu⁵⁸. Para as feridas complicadas recomendava o uso de substâncias que auxiliassem a supuração, porém nas feridas limpas preconizava um curativo com vinho⁵⁷.

A prática profissional preconizada pelos ensinamentos hipocráticos representou para o Ocidente a primeira evidência da medicina como ciência⁵⁹. Sofreu, porém, as limitações decorrentes da ausência de estudos com o corpo humano normal, do precário conhecimento anatômico, da concepção fisiopatológica incorreta e de um certo niilismo terapêutico, levando até a observações sarcásticas como a do médico grego que clinicava em Roma, Asclepiades (124-96 a.C.): “A medicina hipocrática é mais uma meditação sobre a morte⁶⁰.”

O que mais sobreviveu de toda sua obra foram os seus aforismos e o seu código ético-moral que, pressupondo o poder nas mãos do médico, lhe dá preceitos que envolvem um padrão comportamental, solidariedade para com seus mestres, a necessidade de difusão de conhecimentos, o princípio de não provocar danos a terceiros e de guardar segredo do que lhe é revelado pelo paciente ou familiares. Este código é até hoje lido por todos os formandos como o *Juramento de Hipócrates*⁶¹. Da coleção de aforismos podemos destacar, entre alguns ensinamentos bastante atuais, um verdadeiro libelo em prol do trabalho em equipe, contra a onisciência profissional. “Breve é a vida e longa é a arte. A oportunidade é fugaz, a experiência é traiçoeira e o julgamento é difícil. Portanto, o médico deve estar pronto não somente para executar sua missão, mas também para se assegurar da cooperação de seus assistentes, do paciente e dos acompanhantes⁶².”

Como consequência direta do prestígio de Hipócrates e seus discípulos, os *perideutas* (médicos ambulantes) mudaram seu caráter viajante, indo à procura de pacientes, para fixarem-se em consultórios (*iatreion*) onde concentravam seu atendimento. Socialmente eram considerados artesãos com um treinamento sistemático, principalmente se fossem das escolas de Cos ou Cnidos. Atendiam sem fixar honorários, ocupavam um cargo municipal, recebendo uma remuneração fixa, mas também doações de pacientes curados. Faziam conferências sobre saúde e higiene, e eram figuras de destaque social. Os médicos eram convocados nas guerras para acompanhar um exército e podiam ser executados em caso de falha no atendimento de um general. As mulheres podiam ser parteiras ou botânicas, mas Agnodice chegou a ser presa por assistir a uma palestra médica, causando um protesto das mulheres atenienses. Existem vários relatos de desvios éticos praticados por profissionais, que tratavam de forma imprópria cidadãos não abastados e escravos ou cobravam altas somas pelo atendimento dos aristocratas⁹.

Na atualidade, periodicamente são realizados congressos médicos mundiais do neo-hipocratismo, que procuram adaptar para os nossos dias as suas recomendações. Entre as proposições recentemente discutidas, destacamos⁶³: humanização do atendimento; reconhecimento das prioridades de cada paciente em seu atendimento; priorizar o atendimento primário (médico de família) e critérios na utilização dos recursos terapêuticos.

A ESCOLA DE ALEXANDRIA

Após a conquista do Egito, a morte de Alexandre Magno e a conseqüente fragmentação do seu império, o reino do Egito foi assumido por Ptolomeu I, seu amigo de infância, que fundou Alexandria no delta do rio Nilo, a maior metrópole ocidental da época. A dinastia dos Ptolomeu era defensora fervorosa da arte e educação, patrocinando o trabalho de estudiosos de todo o mundo grego, das mais variadas nacionalidades e culturas, criando a primeira universidade. A cidade foi construída para ser o centro mundial do comércio, cultura e aprendizagem. Lá conviviam lado a lado gregos, egípcios, árabes, sírios, hebreus, persas, núbios, fenícios, italianos, gauleses e hispânicos, na verdadeira concepção de cidade cosmopolita. Tinha largas avenidas e o monumental

Farol de Alexandria, uma das sete maravilhas do mundo antigo, para iluminar o seu porto⁶⁴.

O destaque da cidade era sua famosa biblioteca, que continha mais de 700.000 títulos coletados em todas as regiões do império, que eram avidamente explorados por sua comunidade científica. Existiam livros sobre física, literatura, astronomia, geografia, filosofia, matemática, engenharia, biologia e medicina. Cada um deles era copiado à mão e eram considerados as cópias mais fidedignas existentes. Devido ao seu zelo, pudemos conhecer as tragédias gregas de Sófocles, Ésquilo e Eurípedes. Graças a esta biblioteca, os textos de Hipócrates puderam chegar e exercer influência até os nossos dias. Foi talvez a maior concentração de genialidade da história da nossa civilização. Lá tivemos as descobertas de Euclides (século III a.C.) na matemática, Arquimedes (287-212 a.C.) na mecânica, Eratóstenes (275-194 a.C.) em geografia e Ptolomeu (100-170) na astronomia. Anexo à biblioteca, havia laboratórios de pesquisa, jardins botânicos, zoológicos, observatório astronômico e uma grande sala de jantar, que reunia diariamente seus intelectos e servia como palco para uma fértil discussão de idéias. Todas estas atividades não só colheram o conhecimento acumulado, mas também geraram novos horizontes pelo financiamento de pesquisas⁶⁵.

As principais correntes da medicina greco-romana (dogmatismo, empirismo, pneumatismo, ecletismo e metodismo) estiveram presentes em Alexandria, difundindo seu conhecimento por todo o império, em um reflexo de toda maneira grega de encarar a filosofia e a ciência: priorizando o debate de idéias. Herófilo (século III a.C.), um grande anatomista dogmático, que acreditava na teoria da patologia humoral, foi o fundador da escola médica de Alexandria. A fama adquirida por esta cidade atraía pacientes de várias regiões e por se situar no Egito, com longa tradição no embalsamamento, foi rompida a barreira contra a dissecação de cadáveres humanos e até de prisioneiros vivos, pela observação direta, o que deu um grande impulso para estudos anatômicos e de fisiopatologia humana, estes últimos iniciados por Erasístrato (século III a.C.), o introdutor da autópsia para descobrir a causa de morte. Ele acreditava que os átomos eram a base do corpo humano, necessitando do *pneuma* para circular artérias, lançando as bases da escola médica metodista, muito influente no Império Romano, criando célebres polêmicas entre os discípulos destes dois mestres de Alexandria⁶⁶.

Apesar de toda controvérsia teórica, a terapêutica empregada era baseada em observações da evolução dos pacientes e num sistema de avaliação de resultados, independente da base doutrinária aceita pelo médico. Nesta cidade foi inventada a seringa, onde o êmbolo dentro de um cilindro com um líquido era utilizado originalmente para colocar o espelho de uma barbearia em alturas variáveis, sendo logo adaptado para uso médico nas mais variadas situações⁶⁰.

Na biblioteca de Alexandria estavam as sementes do mundo moderno, entretanto, quase tudo se perdeu, nos dramáticos acontecimentos que deram fim ao Império Romano. Para se ter uma idéia, o total de títulos de livros publicados durante a Idade Média era apenas um décimo do existente na biblioteca. A destruição do seu acervo em 415 d.C. marca o início da idade das trevas, que alijou o homem por mais de mil anos de sua história científica, pagando as consequências deste ato por muito tempo, ao ter que redescobrir cada uma

das mais importantes descobertas. Durante todo o mundo antigo, a ciência esteve afastada das massas, as descobertas não eram explicadas ao povo e raramente o beneficiava diretamente, servindo apenas à elite dirigente. A medicina e o aspersor para irrigação da lavoura, inventado por Arquimedes, foram as únicas exceções. Na luta entre a Igreja Cristã e a cultura pagã, que de certa forma a biblioteca representava, uma turba fanática de paroquianos incendiou suas dependências e esartejou Hipácia (370-415), uma bela cientista, sua última diretora, sem saber do tesouro que estava sendo destruído. Apenas alguns livros que estavam em um porão foram salvos. A perda foi incalculável. Das 123 peças teatrais de Sófocles, só sete se salvaram, uma delas de grande importância para a psiquiatria, *Édipo Rei*. O que teríamos nas outras obras perdidas definitivamente⁶⁵? O conceito da enfermidade como um processo natural só foi reencontrado no mundo ocidental durante o Renascimento⁶⁷.

A MEDICINA ROMANA

Cerca do primeiro milênio antes de Cristo, surgiu um povoado às margens do rio Tibre, na região central da Península Itálica, protegida por suas sete colinas e por um rio de difícil navegação. Originou-se da miscigenação de um povo autóctone com invasores arianos vindos das estepes asiáticas. No século VI a.C., foram conquistados e dominados cerca de 100 anos pelos etruscos, que, sendo mercadores, acabaram por ligar esta cidade à cultura e ao comércio do Mediterrâneo, fornecendo-lhe o gosto pela opulência, festas e competições; o alfabeto derivado dos fenícios; as bases para sua religião; conhecimentos em cerâmica e engenharia, permitindo o início da construção dos esgotos de Roma, a pavimentação das estradas e o sistema de arcos. Os romanos, mesmo no curto período em que foram submetidos, preservaram sua identidade, seu idioma (o latim) e a própria estrutura social, um patriarcado exercido pelos patrícios (nobres), que elegiam no senado o seu rei (durante o domínio etrusco) ou os cônsules (domínio romano), com poder absoluto para declarar guerras, ser o sumo sacerdote e impor punições. Com a retomada da independência, várias limitações foram impostas pelo senado aos cônsules⁶⁸.

A grande astúcia militar romana permitiu que dominasse seus vizinhos (290 a.C.), desafiasse e vencesse os gregos do sul da Itália (270 a.C.), conquistando posteriormente quase todo o seu império (192 a.C.) e finalmente os cartagineses (183 a.C.), fazendo do Mediterrâneo um verdadeiro lago romano. As grandes conquistas se completaram com Júlio César (101-44 a.C.) subjugando a Gália e o Egito no século I a.C. Seu império ia das Ilhas Britânicas até a Babilônia, onde os partos faziam-lhe frente, na Europa avançava ao norte até os rios Reno e Danúbio e dominava o Egito e toda costa mediterrânea da África. Sendo um povo prático e tecnológico, pouco afeito à especulação intelectual, valeu-se dos gregos, difundindo seu conhecimento por todo o império conquistado, onde foi imposta uma unidade cultural. Assim sendo, Roma desempenhou o papel de construir estradas e difundir as noções de direito por eles desenvolvidas, mas principalmente de preservar e difundir o pensamento grego adaptado à mentalidade romana⁶⁹. Dizia Horácio (65-8 a.C.),

um poeta romano, ao findar o século I a.C.: “A Grécia conquistada conquistou seu rude vencedor³⁶.”

A medicina romana foi altamente influenciada pela Grécia, particularmente a escola de Alexandria, onde estudou Galeno (131-201), o seu principal expoente, mas sua origem remonta às tradições herdadas dos etruscos, destacando-se práticas de caráter místico, como avaliação prognóstica a partir do exame das entranhas de animais, a realização de procissões para evocação de divindades a fim de debater epidemias, contrapostas a realizações na área de saneamento básico, como a construção da *cloaca máxima*, uma abordagem científica pela utilização de várias ervas medicinais e a confecção de próteses odontológicas, como sugerem alguns achados arqueológicos⁷⁰.

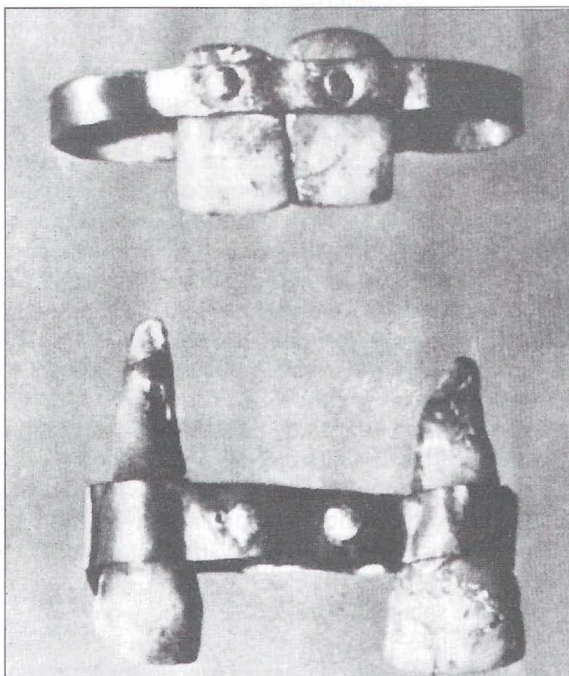


Fig. 3.6 — Próteses odontológicas realizadas pelos etruscos.

Não existiam médicos no início da civilização romana, sendo os cuidados prestados pelo chefe de cada família, como uma prática essencialmente doméstica, mas no século III a.C. há referências sobre responsabilidade legal por negligência em um atendimento cirúrgico prestado a um escravo. Sua elite tinha aversão ao trabalho manual, tornando a prática médica indigna para um aristocrata, pois para as moléstias existiam os deuses. Lendariamente, a medicina grega foi introduzida em Roma (293 a.C.), por uma serpente do templo de Epidaurus para combater uma epidemia de peste⁷¹. Na ilha de Tiberina foi erguido um templo de Esculápio, onde os inválidos e escravos doentes eram abandonados à própria sorte. Os médicos gregos eram inicialmente considerados inimigos de Roma, infiltrados para destruí-la, sofrendo sérias restrições dos censores preocupados em salvaguardar as tradições locais, sendo Hipócrates constantemente citado, por ter se recusado a atender ao rei da Pérsia, afirmando: “Jamais farei uso da minha arte em benefício dos bárbaros inimigos da Grécia⁷².” Ou, como dizia Catão (234-149 a.C.), o mais céle-

bre censor: “Os gregos decidiram matar todos os bárbaros com a medicina e ainda cobram por isso⁷³.”

Os médicos estavam presentes dentre as levas de prisioneiros de guerra que aportavam a Roma, vindos principalmente de Alexandria, logo vencendo a resistência dos nativos pelos melhores resultados obtidos na sua prática profissional, competindo com uma medicina ainda fortemente mística. Progressivamente, as famílias aristocráticas passaram a adotar os médicos, surgindo o conceito de médico de família. Dentre os médicos gregos, grande destaque teve Asclepíades, crítico já citado da escola hipocrática, por acreditar que os médicos e não a natureza deveriam curar as doenças. Ele abandonou a teoria da patologia humoral, aderindo ao metodismo elaborado por Erasístrato de Alexandria, criando uma doutrina original, postulando a existência de poros superficiais que se comunicavam com os órgãos internos, permitindo a passagem de átomos de diferentes tamanhos. As doenças seriam causadas por alterações desses poros, muitas vezes devido a corpúsculos invisíveis, impedindo este livre fluxo atômico. Sua terapêutica baseava-se na ação de contrários: sanguessugas e sangramentos para abrir os poros e aplicação de frio local para contraí-los. A cura era obtida pela recuperação do movimento atômico normal, muitas vezes estimulada por massagens, fricções e banhos. Humanizou o tratamento dos doentes mentais, preconizando tirá-los de ambientes escuros, encaminhando-os a locais saudáveis para a prática de exercícios físicos, sendo portanto um precursor desta aplicação da terapia ocupacional. Teve muitos admiradores famosos como Cícero (103-43 a.C.), Lucrécio (98-55 a.C.) e o próprio imperador Marco Antônio (83-30 a.C.), mas Galeno considerava-o um charlatão, por divergir dos ensinamentos hipocráticos^{71,74,75}.

A conquista de Alexandria, com a transferência de parte do seu acervo para Roma, estimulou a curiosidade científica nesta cidade, surgindo os enciclopedistas, que procuravam sintetizar e comentar os achados. Vários enciclopedistas romanos deram informações sobre a prática profissional daquela época. Lucrécio escreveu *De Rerum Natureza*, onde desprezou os espíritos malignos como causa de doenças e postulou a existência de “germes múltiplos, que são criaturas vivas existentes no ar, portadoras das doenças e da morte⁷⁶”. Plínio (23-79), o Velho, escreveu *Historia Naturalis*, um compêndio sobre vários campos da ciência, filosofia e folclore, reservando sua ira para os gregos, particularmente os médicos: “Não existe lei contra incompetência, os médicos arriscam, aprendem e fazem experiências com nosso corpo e até com os mortos. São as únicas pessoas não punidas pelos assassinatos⁷⁷.”

Celso (século I), em seu livro *De Re Medice* (“Das coisas médicas”), parte de uma enciclopédia sobre ciências naturais, definitivamente perdida, foi o primeiro escritor a traduzir termos médicos do grego para o latim, detalhando a história da medicina dos povos primitivos até Hipócrates e a escola de Alexandria. Classificou a terapêutica em dietética, farmacêutica e cirúrgica, descrevendo técnicas cirúrgicas e observações anatomopatológicas. Contribuiu também com conceitos próprios, destacando os quatro sinais flogísticos da inflamação (calor, tumor, dor e rubor), cuja paternidade é muitas vezes erroneamente atribuída a Galeno. Afirmou que as feridas deveriam ser limpas, removendo inclusive o sangue coa-

gulado. Salientou as qualidades essenciais para um cirurgião: "Deve ser jovem ou pelo menos pouco avançado nos anos; deve ter mão firme, nunca trêmula e ser hábil tanto com a esquerda como com a direita; deve ter visão aguçada e espírito corajoso; não deve ter compaixão para não se impressionar com os gritos do paciente quando este o incita a apressar-se ou a cortar menos que o necessário⁷⁸."

Se os romanos pouco contribuíram com a teoria e prática médicas, isto não se deu com a organização dos serviços prestados, dentro do espírito prático de sua civilização. Júlio César baniu em 46 a.C. todos os estrangeiros livres, exceto os médicos, que ganharam cidadania romana. Foram liberados do pagamento de impostos pelo fato de Antônio de Musa ter curado uma moléstia hepática do imperador Adriano em 117, que definiu as obrigações dos médicos. Eles eram funcionários do Estado, que pagava seus honorários. Progressivamente foram subindo na escala social, e os municípios os contratavam para o tratamento de seus cidadãos. Os mais destacados tornavam-se médicos da corte ou eram designados para cuidar da saúde das *virgens vestiais*, mulheres lindas, selecionadas, que seriam chicoteadas e enterradas vivas se perdessem sua virgindade antes dos 30 anos. No século II foi criado um serviço público de medicina, regulamentado por Antoninus Pius (86-161), que em 159 criou um rigoroso exame para quem quisesse exercer a profissão e normas para restringir o exercício profissional e a isenção de impostos, incluindo o atendimento gratuito dos pobres. Estudantes de medicina tinham de obter certificado de boa conduta, eram proibidos de frequentar bordéis ou sociedades ilegais⁷⁹. O imperador Alexandre Severo (205-235) edificou salas para o ensino da medicina, regulamentando sua docência⁸⁰.

O dia de trabalho de um médico iniciava com uma conferência logo pela manhã e a seguir saía para visitar os pacientes, levando consigo seus instrumentos de trabalho, incluindo instrumental cirúrgico e almofarizes para o preparo de medicamentos. Existiam algumas especialidades médicas como urologia, ginecologia e oftalmologia. Os procedimentos eram uma mescla de racional com excêntrico. Epilepsia era tratada por Serapião com uma mistura de cérebro de camelo, sangue de tartaruga e esterco de crocodilo. Massagens, dietas, vinho e repouso eram prescritos com frequência. Existiam mais de 200 instrumentos cirúrgicos, muitos bastante semelhantes aos atuais, e a anestesia era feita pelo gotejamento de mandrágora em uma esponja sobre a boca do paciente. Havia cirurgões plásticos especializados na reconstrução do prepúcio em judeus pretendentes aos cargos públicos⁸¹.

Embora tradicionalmente se atribua aos hospitais militares e aos hospitais cristãos urbanos o pioneirismo neste tipo de instituição de saúde no Ocidente, as escavações de Pompéia revelaram que os clínicos privados dispunham de algo como uma moderna casa de enfermagem ou de convalescença para seus pacientes e, de acordo com Galeno, em algumas províncias estes estabelecimentos foram transformados em hospitais sustentados por fundos públicos. Lucius Junius Collumella (século I) relata também a existência de instituições urbanas especializadas no atendimento de escravos e que, posteriormente, de acordo com Sêneca (3 a.C.-65 d.C.) foram utilizadas por cidadãos livres⁸².

Além dos médicos municipais, que exerciam esta medicina socializada, existiam os que exerciam uma prática priva-

da e ainda os médicos ligados às famílias, que se responsabilizavam pelo atendimento de todos os seus membros, mediante um valor anual preestabelecido⁸². Existiam também os médicos militares e dos gladiadores, que foram ganhando importância à medida que o império declinava. Foram construídos verdadeiros hospitais de campanha, chamados *vale-tudinaria*, dedicados ao abrigo e tratamento dos soldados doentes, que podem ser considerados pioneiros nas culturas ocidentais. Sua construção era requintada, fruto da avançada engenharia romana. Os quartos dos enfermos, com capacidade para até quatro pacientes, não se abriam diretamente no corredor central, sendo agrupados dois a dois, ligando-se por um vestíbulo, onde também se encontravam o sanitário e o banho. Em um pátio interno, havia os setores de apoio, e a administração ficava logo à entrada. Trabalhavam médicos e enfermeiros, e da administração participavam contadores, tesoureiros e intendentes. Do ponto de vista técnico e sanitário, podem ser considerados como precursores dos hospitais ocidentais. Comandados rigidamente dentro dos preceitos da disciplina militar, podem ter sido os geradores da estrutura hierarquizada encontrada ainda hoje em muitas instituições. Restritos aos campos de batalha, não foram construídos no perímetro urbano, onde existiam apenas os equivalentes aos *iatreion* gregos, nos quais os médicos pagos pelo império atendiam aos pacientes pobres, portanto precursores dos dispensários⁸³.

Sob o governo de Augusto foi organizado um sistema de administração dos serviços públicos, criando-se uma Câmara de Água, para cuidar dos serviços de água e esgoto. Os edis responsabilizavam-se pela supervisão da limpeza das ruas e o controle sanitário dos alimentos⁸⁴. Este sistema era tão eficiente que sobreviveu em algumas cidades à decadência e posterior queda do Império Romano, embora em alguns países atuais não resista à corrupção e ineficiência administrativa!

Os romanos observaram que várias enfermidades eram mais comuns nos escravos e nos mineiros, que trabalhavam sob condições subumanas em locais alagados ou inalando póis tóxicos, causando várias moléstias ocupacionais. Gaius Plinius Secundus (23-79) relata que os mineiros utilizavam-se de máscaras feitas com a bexiga de animais para protegerem-se contra a inalação de poeiras⁸⁵.

As ruas de Roma eram pavimentadas e, pela ênfase dada à agricultura, as mesas eram mais fartas do que na Grécia. O sistema de tratamento de água e esgotos era uma das glórias desta cidade. Em 312 a.C., o censor Ápio Cláudio Crasso construiu a primeira estrada romana, a Via Ápia, além de um sistema de aquedutos, que somavam 13 ao final do primeiro século da nossa era. No seu trajeto havia bacias de assentamento, para deposição de sedimentos, sendo posteriormente recolhida a água em reservatórios e distribuída por um sistema de canos para os prédios públicos, como os balneários e as fontes. O usufruto particular dependia do pagamento de uma taxa especial. A *cloaca maxima* era o sistema fechado de esgotos que drenava para o rio Tibre. Ainda hoje faz parte do sistema de drenagem da Roma atual. Existiam também as latrinas públicas, embora nos cortiços os excretas fossem atirados pelas janelas sobre a calçada⁸⁶.

As relações do meio ambiente com a saúde de uma comunidade também já haviam sido percebidas pelos romanos. Marcus Terentius Varro, no primeiro século antes de Cristo, já havia feito a associação dos pântanos com as

doenças “por albergarem criaturas diminutas, invisíveis, que flutuando pelo ar podiam entrar no corpo humano pela boca e nariz, causando doenças”. Os hospitais eram restritos às tendas nos campos de batalha; apenas em 394, por iniciativa de uma benfeitora cristã chamada Fabíola, eles foram introduzidos nas cidades. Dioscórides (40-90)⁸⁷, um médico militar, estudou as propriedades farmacológicas de 90 minerais, 168 substâncias animais e 600 vegetais, elaborando um trabalho referencial em farmacologia por mais de 1.500 anos, sendo o pioneiro na descrição dos riscos do uso do ópio. Ainda hoje são utilizados cerca de 100 medicamentos descritos. De muitas drogas correlacionava a dosagem aos seus efeitos^{88,89}.

Marcus Vitruvius Pollio, um arquiteto que viveu no século I, escreveu *De Architectura* onde relata o antigo costume de escolher um sítio salubre para a construção de prédios e cidades pelo exame do fígado de animais que habitualmente pastavam no local. Se esta víscera se apresentasse amarelada, considerava-se o local insalubre para o homem. Lucius Junius Collumella (século I), que escreveu a mais completa obra da Antiguidade sobre agronomia e agricultura, percebeu que a adição de água salgada ao charco tornava sadio o ambiente. Hoje sabe-se que isto dificulta a reprodução de certos mosquitos⁹⁰.

GALENO E A CIÊNCIA MÉDICA

O maior expoente da medicina romana foi Galeno. Graças ao seu carisma, dominou o pensamento médico por mais de 14 séculos, explicando de forma clara e simples seus pontos de vista. Nasceu em 129 ou 130 na cidade de Pérgamo, centro cultural romano da Ásia Menor, adquiriu uma formação eclética, incluindo filosofia, matemática e ciências naturais, porém optou pela medicina, completando sua formação em Alexandria. Foi médico dos gladiadores, desenvolvendo conhecimentos sobre anatomia e cirurgia. Em Roma, devido ao seu sucesso profissional, foi o médico e confidente dos imperadores Marco Aurélio (121-180) e Lucius Verus. Escreveu imensa obra, parcialmente perdida, de cerca de 400 tratados, envolvendo principalmente anatomia (16 livros), fisiologia (17 livros), farmacologia (30 livros), patologia (seis livros), terapêutica (14 livros), higiene, dietética e filosofia, trazendo uma resposta para cada pergunta e uma explicação para cada fenômeno^{91,92}.

Se Hipócrates representou uma abordagem racional da medicina, enfatizando seus aspectos éticos, Galeno investiu na sua caracterização enquanto ciência, sabendo ser convincente, refletindo o oportunismo e a objetividade romana. Afirmava: “Não creio em Hipócrates pela sua autoridade e sim porque suas demonstrações são sólidas”; “o exame dos problemas dialéticos é inútil e sem valor para o diagnóstico, tratamento ou prognóstico de um paciente⁹³.” Ao contrário de Hipócrates, procurou estudar também o corpo humano normal, valendo-se de observações em animais inferiores, pois o estudo em cadáveres era proibido em Roma, o que o levou a algumas conclusões equivocadas, como a descrição da *rede mirabilis*, plexo venoso inexistente na espécie humana.

Contra a confusão gerada pelas várias escolas médicas que digladiavam entre si, optou pela lógica aristotélica, ampliando o conceito sobre a perfeição da natureza para os órgãos do corpo humano, presumindo funções específicas a partir de sua forma, realizando revisão médica dos estudos

anatômicos. Embora não fosse cristão, acreditava em um deus único e que o corpo era instrumento da alma. Isto lhe valeu o apoio do cristianismo e do maometismo nascentes, pois confirmaria a perfeição da divindade criadora, favorecendo até a volta da concepção sobrenatural da doença. Desenvolveu estudos fisiopatológicos experimentais em várias espécies animais, extrapolando seus achados para o homem, fazendo uma correlação entre as doenças, lesões anatômicas e alteração das funções. Referendou o conceito de *pneuma* como energia vital e a teoria da patologia humoral, classificando o temperamento das pessoas de acordo com o humor predominante⁹⁴.

Fundamentava sua terapêutica na eliminação da causa nociva, exagerando conseqüentemente nas dietas, e procurava neutralizar o humor excedente, abusando de laxantes, eméticos, sudoríferos e, principalmente, da sangria. Enfatizava o uso de medicamentos no tratamento dos pacientes, de acordo com o princípio dos contrários, por exemplo: doenças úmidas deveriam ser tratadas com remédios secos. Embora tenha iniciado sua prática profissional como cirurgião, pouco escreveu sobre sua experiência, pois à época, eles não desfrutavam de prestígio. Como sua teoria foi considerada quase um dogma durante muito tempo, acabou dificultando a evolução da ciência médica durante toda a Idade Média e até mesmo após o Renascimento. Entender seu pensamento é compreender boa parte da história da medicina, porque medidas absurdas, como provocar sangria ou supuração, foram realizadas com toda a convicção por médicos ilustres⁹⁵.

Arguto observador, atribuiu a paralisia de três dedos da mão de um filósofo a uma lesão ao nível da sétima vértebra cervical. Correlacionou a emoção com a taquicardia, descobrindo a causa da insônia de uma matrona romana, apaixonada por um ator, pois apresentava este sinal ao ver ou à simples menção de seu amado. Sabia também aproveitar as oportunidades. Certa vez se recusou a acompanhar o imperador em uma guerra, afirmando que seria necessário para o atendimento das crianças reais, e realmente seu filho ficou doente. Chamava os profissionais rivais de charlatães, burros e ladrões, afirmando: “Quem quiser buscar a fama, basta familiarizar-se com tudo que realizei⁹⁶.”

Analisando a vasta obra de Galeno, historiadores da medicina divergem sobre a sua personalidade e importância: um narcisista egocêntrico; um farsante; observador sagaz; um médico de grande experiência; um profundo conhecedor da natureza humana; um cínico; um manipulador de emoções e situações; um escritor incrivelmente honesto e ingênuo; um monstro. Segundo Tamayo⁹⁷, possivelmente ele apresentava todas estas características. Suas opiniões representam a síntese da medicina antiga. Avaliá-las comodamente hoje, tendo pela frente todo o conhecimento acumulado desde então, é uma tarefa fácil e injusta. Afinal, Galeno estudou, praticou e escreveu a maior obra médica individual existente e foi o médico com maior influência na história da medicina, e nisto está o seu mérito acima de qualquer juízo, pois, apesar dos grandes vultos do passado, seria de um simplismo exemplar colocar exclusivamente em suas mãos as responsabilidades pelos acontecimentos.

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO ROMANO E DE SUA MEDICINA

De certa forma, cultuando o ideal de beleza, a civilização romana como a grega desprezava o doente desesperado, o

deformado e até os pobres, reservando-lhes uma vida em condições subumanas. Com quase um milhão de habitantes, Roma era uma república aristocrática militarizada, cheia de contrastes, onde a opulência convivia com a miséria, os altos ideais com a selvageria. Pode-se dizer que gerou os males que provocaram sua queda, escondendo habilmente sua fraqueza. Era estupefaciente em sua área nobre, o fórum central revestido de mármore; amplos jardins; os palácios dos nobres, onde até os pratos e talheres eram de prata e os copos de ouro; bibliotecas; suntuosos banhos públicos; os templos maravilhosos e os estádios onde se realizavam as lutas sangrentas para apaziguar o povo, que sobrevivia em imundos cortiços periféricos, sem

água encanada ou esgoto, onde as ruas cheiravam aos excrementos jogados pelas janelas⁹⁸.

Os patrícios exerciam controle sob a sociedade, envolvendo os plebeus em uma política clientelista de favores, porém estes foram enriquecendo com as atividades comerciais e começaram a lutar por seus direitos, fazendo inclusive greves. Por pressão dos plebeus, foi criada a Lei das Doze Tábuas, precursora do Direito Romano, e seus mais influentes membros foram absorvidos pelo senado, a verdadeira fonte do poder. Porém, o contraste dos ricos com os pobres vinha aumentando, levando a Roma um verdadeiro clima de revolução social que aliada à corrupção, lutas pelo poder, altos impostos (até a urina chegou a ser taxada!!!), inflação e aos



Fig. 3.7 — Retrato de Galeno.

imperadores conhecidos até hoje pelo seu desequilíbrio, como Calígula (12-41) ou Nero (37-68), foi solapando as bases deste que foi o maior império do Ocidente. A guerra, para os pobres, plebeus comerciantes ou agricultores, poderia significar a ruína, pelo afastamento dos seus afazeres. Por outro lado, era fonte de poder para os aristocratas, compartilhando seus despojos, incluindo escravos, que vinham de todo o império e eram fundamentais, realizando os afazeres domésticos, exercendo vários trabalhos artesanais, inclusive a medicina, e até mesmo a burocracia administrativa do império⁹⁹.

Após a morte de Galeno, a medicina romana entrou em decadência, agravada pela mudança da sede principal para Bizâncio em 330¹⁰⁰. Se durante a época das conquistas a prosperidade era mantida à custa da expoliação dos vencidos, a partir do século III a manutenção de seus domínios tornou-se um fardo econômico e militar, deixando Roma na defensiva¹⁰¹. A unidade imperial foi sendo progressivamente apeçada externamente e, em 395, o domínio romano foi definitivamente dividido no império oriental, posteriormente baseado em Constantinopla (Bizâncio, atual Istambul) e o setor ocidental, sediado em Roma, que sucumbiu diante das invasões bárbaras, mas manteve sua influência nos estados sucedâneos através das Igrejas Cristãs, que, de perseguidas pela intolerância religiosa, foram ganhando importância progressiva, conseguindo liberdade de culto em 313, até o seu reconhecimento como religião oficial em 335. O último século do Império Romano caracterizou-se por uma acentuada decadência de costumes, corrupção generalizada apoiada por uma burocracia onipresente, financiada por impostos cada vez mais abusivos, inflação descontrolada, substituída por um congelamento artificial que só gerou o sumiço de produtos essenciais, guerras civis, grandes epidemias (peste, tifo, varíola e cólera), fome e seca¹⁰².

A impotência dos médicos diante das sucessivas epidemias levou-os à descrença popular, contrapondo-os à caridade cristã, fazendo ressurgir a medicina mística, preparando terreno para o obscurantismo científico da Idade Média, iluminada essencialmente pelo brilho dos teólogos¹⁰³. Em 410, Roma foi saqueada pelos visigodos, iniciando o fim do seu império ocidental, tomado à força das armas pelas nações bárbaras ou transformado em unidades confederadas, em alianças ocasionais, potencialmente fatais, que só retardaram seu último suspiro em 476. Mas, no Oriente, seu domínio durou até o final da Idade Média, com a conquista de Constantinopla, pelos otomanos, em 1453¹⁰⁴. Enquanto manteve sua unidade imperial, Roma desenvolveu o hábito de regulamentar o comportamento coletivo, trazendo os fundamentos da moderna ciência jurídica. Difundiu a filosofia grega, preparando o terreno para a unidade espiritual alcançada pelo cristianismo nascente¹⁰⁵. Legou à medicina importantes medidas de saúde pública, como noções de higiene pessoal, inspeção de alimentos, controle da prostituição, campanha antimalária, introdução de hospitais e a organização da profissão e do ensino médico¹⁰⁶.

O CRISTIANISMO E O NASCIMENTO DOS HOSPITAIS OCIDENTAIS

O cristianismo nascente logo chegou a Roma, pregando a falsidade dos deuses pagãos e conseqüentemente ordenando

aos seus fiéis a não-participação nos cultos oficiais do Estado. Para os deuses romanos era normal a exploração dos escravos vencidos pelos seus amos vencedores, sendo a piedade interpretada como sinal de fraqueza. O culto da força e dos prazeres mundanos, mesmo que isto significasse causar sofrimentos e humilhações a outros homens, estava de pleno acordo com a religião oficial. Ao contrário da crença dominante, que enfatizava o aqui e agora, justificando tudo em busca do prazer, o cristão esperava a volta de seu Salvador no juízo final, para julgar sua fé e seus atos, levando-o ao paraíso, sua maior recompensa. O cristianismo pregava a solidariedade, condenando a exploração do semelhante: "Se algum de vós for mais poderoso que os outros, que seja para os servir." Evidentemente tais princípios eram subversivos, sendo logo atacados, como demonstra a tentativa de expulsão de seus adeptos de Roma, já no ano 50. Os sacrifícios públicos de seus mártires atuaram como propaganda da crença mesmo entre os aristocratas, devido à coragem e resignação que demonstraram na arena¹⁰⁷.

Várias concepções filosóficas interagiram com esta religião nascente, principalmente dos neoplatônicos, almejando a comunhão com uma divindade perfeita, e o gnosticismo, buscando o conhecimento superior do sobrenatural que rege a ordem das coisas, tornando consciente pela alma, através de uma iluminação súbita. Os cristãos primitivos geralmente eram homens de pouca cultura, mas agiam de acordo com sua fé, e seu comportamento ético impressionava uma comunidade carente de valores, que transferia para as divindades oficiais a incapacidade dos governantes em barrarem o inexorável fim do seu império. Os primeiros teólogos cristãos procuravam enfatizar as semelhanças doutrinárias existentes com a filosofia greco-romana, colocando o cristianismo como a resposta para os principais questionamentos levantados, consolidando a fé cristã até mesmo na intelectualidade e aristocracia¹⁰⁸.

Ao contrário do Velho Testamento, que enfatizava medidas de saúde pública como higiene pessoal e ambiental, o Novo Testamento, escrito pelos cristãos, dava prioridade à fé como instrumento de cura dos enfermos, obtida em inúmeras passagens por Jesus exorcizando os demônios com o toque das suas mãos. O cristianismo nascente continuou com esta tradição, numerosos santos celebrizando-se por curas milagrosas¹⁰⁹. Com isto, a Igreja assumiu a tarefa de cuidar dos enfermos, trazendo a medicina para os mosteiros, voltando a assumir um caráter místico, considerando a doença um castigo divino por ações contra seus mandamentos ou um instrumento para pôr à prova a fé dos cristãos e a cura dependente principalmente de arrependimento e preces. Quando foi transformada em religião oficial, muitos templos de Esculápio foram transformados em santuários cristãos, onde persistia o hábito de dormir em terreno consagrado, agora esperando a cura em sonho evocada pelos santos mártires, onde destacavam o Arcanjo Miguel e São Cosme e São Damião. Os Concílios de Nicéia em 325 e o de Cartago em 398 recomendaram que os bispos criassem pelo menos um hospital em cada diocese. A dedicação aos enfermos era considerada uma missão da caridade cristã, que reverteria na remissão de pecados e no merecimento de indulgências, em uma postura radicalmente distinta das religiões pagãs¹¹⁰.

Aproximadamente em 330 foi construído o primeiro hospital urbano do Império Romano, na cidade de Constantinopla, por Santa Helena, mãe do imperador Constantino (247-327), que mudou a sede imperial para esta cidade, a antiga Bizâncio, remodelada para ser a nova metrópole. Em 369, São Basílio (329-379) estabeleceu um conjunto assistencial para doentes pobres em Cesária, capital da Capadócia, fundando a pioneira Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo¹¹¹. Batizado de basílica, em homenagem ao seu fundador, era uma verdadeira cidade com ruas, prédios para diferentes tipos de doentes, instalações para médicos e enfermeiras, alojamento para convalescentes e até escolas industriais para as crianças¹¹².

Já foi referido que o primeiro hospital urbano europeu foi construído em 394 na periferia de Roma por ordem de uma cristã nobre convertida, que se instalando em um sítio de sua propriedade passou a cuidar pessoalmente dos enfermos, sendo posteriormente canonizada como Santa Fabíola. Rapidamente estas instituições foram construídas em todo o Império Romano. Na França recebeu o nome de *Hotel-Dieu*

(equivalente à nossa Santa Casa de Misericórdia), primeiramente construído em Lyon, ficando o mais famoso em Paris, com 1.200 leitos, muitos dos quais ocupados por até cinco pacientes concomitantemente, sendo que os seis leitos pediátricos eram compartilhados por cerca de 200 crianças em cada um¹¹³.

Ao contrário dos hospitais militares, que realizavam praticamente primeiros socorros para patologias agudas resultantes de ferimentos de guerra, as instituições cristãs eram baseadas na caridade e procuravam dar conforto aos doentes pobres, geralmente com enfermidades crônicas, em que o atendimento de enfermagem acabava sendo primordial. Grande poder de cura era atribuído às emanções provenientes das imagens da Sagrada Família ou dos santos milagrosos. Seguindo uma tradição hermética, os padres primitivos se instalaram em mosteiros, desenvolvendo ordens religiosas, responsáveis pela organização do atendimento médico por mais de 500 anos¹¹⁴.

O imperador Justiniano, que governou entre 527 e 565, regulamentou os asilos existentes, denominando *lobotrophia*



Fig. 3.8 — Desenho baseado em um afresco de uma capela cristã do século III, representando Cristo curando um paralítico.

para o atendimento de inválidos e rejeitados, *nosocomia* para os doentes e *hospitium* para os peregrinos, muitos dos quais também enfermos. Inicialmente banida destas instituições, a medicina grega sobreviveu principalmente entre os heréticos, como foi o caso do ex-patriarca Nestor, que, perseguido por questões doutrinárias, encontrou abrigo com o rei da Pérsia, onde fundou um hospital em Jundishapur, mantendo esta prática profissional, que voltou à Europa pelos conquistadores árabes¹¹⁵.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Tamayo RP. El concepto de enfermedad, vol 1. México: Fondo de Cultura Económica, 119, 1988.
2. Woodhead H (dir.). A era dos reis divinos. São Paulo: Abril Livros, 97-120, 1991.
3. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 68, 1981.
4. Lyons AS. Creatan and mycenaean medicine. In: Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 152-163, 1987.
5. Machado PSM. Medicina e saúde. História da medicina (vol 1). São Paulo: Abril Cultural, 17-20, s/d.
6. Lyons AS. Greek mytology and the temples of Asclepios. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 165-170, 1987.
7. Antunes JLF. Hospital. Instituição e história social. São Paulo: Letras & Letras, 21, 1991.
8. Buck AH. The growth of from the earliest times to about 1800. New Haven: Yale University Press, 54-55, 1925.
9. Melo JMS. A medicina e sua história. Rio de Janeiro: Editora de Publicações Científicas Ltda, 27-28, 1989.
10. Lyons AS. Greek mytology and the temples of Asclepios. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 170-183, 1987.
11. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 64, 1981.
12. Antunes JLF. Hospital. Instituição e história social, São Paulo: Letras & Letras, 27, 1991.
13. Sigerist HE. A history of medicine (vol 2). Oxford: Oxford University Press, 65-67, 1961.
14. Antunes JLF. Hospital. Instituição e história social. São Paulo: Letras & Letras, 23, 1991.
15. Ducassé P. As grandes correntes da filosofia. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 11-12, 1974.
16. Woodhead H (dir.). Marés bárbaras. São Paulo: Abril Livros, 69-88, 1991.
17. Ronan CA. História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge (vol 1). São Paulo: Círculo do Livro, 64-69, 1987.
18. Lobo RH. A filosofia e sua evolução. São Paulo: Edições Populares, 47-52, 1979.
19. Machado PSM. Medicina e saúde. História da medicina (vol 1). São Paulo: Abril Cultural, 194, s/d.
20. Lyons AS. Pre-hippocratic medicine: the philosopher-scientists. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 185-186, 1987.
21. Lobo RH. A filosofia e sua evolução. São Paulo: Edições Populares, 57-59, 1979.
22. Ronan CA. História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge (vol 1). São Paulo: Círculo do Livro, 79-83, 1987.
23. Rosen G. Uma história da saúde pública. São Paulo: Editora UNESP, 36-37, 1994.
24. Tamayo RP. El concepto de enfermedad. Tomo 1. México: Fondo de Cultura Económica, 109, 1988.
25. Lyons AS. Pre-hippocratic medicine: the philosopher-scientists. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 192, 1987.
26. Lobo RH. A filosofia e sua evolução. São Paulo: Edições Populares, 63-67, 1979.
27. Ronan CA. História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge (vol 1). São Paulo: Círculo do Livro, 83-86, 1987.
28. Lobo RH. A filosofia e sua evolução. São Paulo: Edições Populares, 69-71, 1979.
29. Ronan CA. História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge (vol 1). São Paulo: Círculo do Livro, 100-103, 1987.
30. Lyons AS. Medical sects and the center at Alexandria. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 219, 1987.
31. Machado PSM. Medicina e saúde. História da medicina (vol 1). São Paulo: Abril Cultural, 195-196, s/d.
32. Lasso de la Veja JS. Los grandes filósofos griegos y la medicina. In: Entralgo PL. Historia universal de la medicina. Salvat, Barcelona, 119-145, 1972.
33. Lobo RH. A filosofia e sua evolução. São Paulo: Edições Populares, 77-96, 1979.
34. Machado PSM. Medicina e saúde. História da medicina (vol 1). São Paulo: Abril Cultural, 214, s/d.
35. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 85, 1981.
36. Lobo RH. A filosofia e sua evolução. São Paulo: Edições Populares, 96-110, 1979.
37. Lyons AS. Greek mytology and the temples of Asclepios. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 222-223, 1987.
38. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 85-88, 1981.
39. Ducassé P. As grandes correntes da filosofia. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 42, 1974.
40. Rosen G. Uma história da saúde pública. São Paulo: Editora UNESP, 37, 1994.
41. Tamayo RP. El concepto de enfermedad. Tomo 2. México: Fondo de Cultura Económica, 145, 1988.
42. Burnet J. Early greek philosophy. London: Adam and Charles Black, 135-139, 1930.
43. Lyons AS. Pre-hippocratic medicine: the philosopher-scientists. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 187-192, 1987.
44. Lyons AS. Pre-hippocratic medicine: the philosopher-scientists. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 192-193, 1987.
45. Hippocrates. The sacred disease (ed. and translate by Jones WHS). Cambridge: Harward University Press (The Leob Classical Library), 129-183, 1923.
46. Lyons AS. Medicine in hippocratic times. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 195, 1987.
47. Tamayo RP. El concepto de enfermedad. Tomo 1. México: Fondo de Cultura Económica, 95, 1988.
48. Tamayo RP. El concepto de enfermedad. Tomo 1. México: Fondo de Cultura Económica, 65-66, 1988.
49. Lyons AS. Medicine in hippocratic times. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 199-203, 1987.
50. Adams F. The works of Hippocrates translated from the greek with a preliminary discourse and anntatins. London: Syndenham Society, 1849.
51. Lyons AS. Hippocrates. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 206-210, 1987.
52. Machado PSM. Medicina e saúde. História da medicina (vol 1). São Paulo: Abril Cultural, 22, s/d.
53. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 73-78, 1981.
54. Farrington B. Greek science. Middlesex, Penguin Books 67, 1961.
55. Scliar M. A paixão transformada. São Paulo: Companhia das Letras, 32-33, 1996.
56. Margotta R. The Hamlyn. History of medicine. London: Reed International Books Limited, 30, 1996.
57. Couto Jr D. Infecção pós-operatória. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2, 1983.
58. Lyons AS. Hippocrates. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 213-214, 1987.
59. Entralgo PL. La medicina hipocratica. In: Entralgo PL. Historia universal de la medicina. Barcelona: Salvat, 115, 1972.
60. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 76, 1981.

61. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 79, 1981.
62. Ronan CA. História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge (vol 1). São Paulo: Círculo do Livro, 88-100, 1987.
63. Marques SP. El neohipocratismo. In: Entralgo PL. Historia universal de la medicina. Barcelona: Salvat, 265-267, 1972.
64. Woodhead H (dir.). Impérios em ascensão. São Paulo: Abril Livros, 35, 1991.
65. Sagan C. Cosmos. Tradução de Angela do Nascimento Machado. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 18-21, 1984.
66. Lyons AS. Medical sects and the center at Alexandria. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 229, 1987.
67. Tamayo RP. El concepto de enfermedad. Tomo 1. México: Fondo de Cultura Económica, 65-66, 1988.
68. Woodhead H (dir.). A elevação do espírito. São Paulo: Abril Livros, 97-110, 1991.
69. Ronan CA. História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge (vol 2). São Paulo: Círculo do Livro, 1330-131, 1987.
70. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 93-94, 1981.
71. Lyons AS. Medicine in roman times. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 231-232, 1987.
72. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 94-95, 1981.
73. Machado PSM. Medicina e saúde. História da medicina (vol 1). São Paulo: Abril Cultural, 34, s/d.
74. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 96, 1981.
75. Margotta R. The Hamlyn. History of medicine. London: Reed International Books Limited, 33, 1996.
76. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 102, 1981.
77. Lyons AS. Medicine in roman times. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 239-249, 1987.
78. Machado PSM. Medicina e saúde. História da medicina (vol 1). São Paulo: Abril Cultural, 35, s/d.
79. Machado PSM. Medicina e saúde. História da medicina (vol 1). São Paulo: Abril Cultural, 36, s/d.
80. Antunes JLF. Hospital. Instituição e história social. São Paulo: Letras & Letras, 38, 1991.
81. Melo JMS. A medicina e sua história. Rio de Janeiro: Editora de Publicações Científicas Ltda., 39-41, 1989.
82. Rosen G. Uma história da saúde pública. São Paulo: Editora UNESP, 47, 1994.
83. Antunes JLF. Hospital. Instituição e história social. São Paulo: Letras & Letras, 33-38, 1991.
84. Rosen G. Uma história da saúde pública. São Paulo: Editora UNESP, 48, 1994.
85. Rosen G. Uma história da saúde pública. São Paulo: Editora UNESP, 45-46, 1994.
86. Rosen G. Uma história da saúde pública. São Paulo: Editora UNESP, 40-43, 1994.
87. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 96-97, 1981.
88. Lyons AS. Medicine in roman times. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 299, 1987.
89. Machado PSM. Medicina e saúde. História da medicina (vol 1). São Paulo: Abril Cultural, 214-215, s/d.
90. Rosen G. Uma história da saúde pública. São Paulo: Editora UNESP, 43-44, 1994.
91. Tamayo RP. El concepto de enfermedad. Tomo 1. México: Fondo de Cultura Económica, 122, 1988.
92. Lyons AS. Galen. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 250-261, 1987.
93. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 104-106, 1981.
94. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 107-112, 1981.
95. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 112-114, 1981.
96. Melo JMS. A medicina e sua história. Rio de Janeiro: Editora de Publicações Científicas Ltda., 40, 1989.
97. Tamayo RP. El concepto de enfermedad. Tomo 1. México: Fondo de Cultura Económica, 123-124, 1988.
98. Woodhead H (dir.). Impérios em ascensão. São Paulo: Abril Livros, 45-62, 1991.
99. Woodhead H (dir.). Impérios em ascensão. São Paulo: Abril Livros, 62-88, 1991.
100. Oliveira AB. A evolução da medicina. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia., 120-123, 1981.
101. Lobo RH. História econômica geral e do Brasil. São Paulo: Editora Atlas, 70-73, 1977.
102. Woodhead H (dir.). Impérios sitiados. São Paulo: Abril Livros, 9-34, 1991.
103. Margotta R. The Hamlyn. History of medicine. London: Reed International Books Limited, 44-45, 1996.
104. Woodhead H (dir.). Impérios sitiados. São Paulo: Abril Livros, 34-50, 1991.
105. Lobo RH. A filosofia e sua evolução. São Paulo: Edições Populares, 113-114, 1979.
106. Melo JMS. A medicina e sua história. Rio de Janeiro: Editora de Publicações Científicas Ltda., 43, 1989.
107. Lobo RH. A filosofia e sua evolução. São Paulo: Edições Populares, 114-116, 1979.
108. Lobo RH. A filosofia e sua evolução. São Paulo: Edições Populares, 116-121, 1979.
109. Scliar M. A paixão transformada. São Paulo: Companhia das Letras, 28-29, 1996.
110. Antunes JLF. Hospital. Instituição e história social. São Paulo: Letras & Letras, 39-40, 1991.
111. Petrucelli RJ. The rise of christianity. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 272, 1987.
112. Walsh JJ. Medieval medicine. London: Black Ltda., 170, 1920.
113. Scliar M. A paixão transformada. São Paulo: Companhia das Letras, 29, 1996.
114. Petrucelli RJ. The rise of christianity. In: Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine an illustrated history. New York: Abradale & Abrams, 272-277, 1987.
115. Antunes JLF. Hospital. Instituição e história social. São Paulo: Letras & Letras, 40-47, 1991.